

A classical painting of Pandora, a figure from Greek mythology. She is depicted with long, dark, curly hair and striking blue eyes. She wears a rich, deep red robe with a V-neckline. Her hands are positioned to hold a small, ornate wooden box, which is the 'box of Pandora'. The box is decorated with intricate carvings and has a keyhole on its front. The background is a soft, warm brown, suggesting a studio or a domestic interior. The overall style is characteristic of 19th-century academic painting, with a focus on detail and a somber, contemplative mood.

A CAIXA DE PANDORA

CONTO MITOLÓGICO

A crença mitológica nos conta que os povos antigamente eram felizes, viviam na maior harmonia, sem guerras nem disputas.

O mundo era composto de uma só família, onde todos se amavam igualmente e estavam unidos por um afeto fraterno.

Não havia pobreza, porque a terra, como uma mãe carinhosa, produzia frutos para o alimento de todos.

Não se conheciam os ardores do verão, os rigores do inverno, nem a ameaça das tempestades; uma primavera contínua refrescava os ares, animava a verdura dos campos e fazia nascer os frutos.

Os animais viviam da mesma forma; os pássaros com os répteis, as ovelhas com as feras...

Júpiter, porém, possuía uma caixa, que estava fechada, e que continha todos os males que a humanidade sofre atualmente.

Nela estavam ocultas a amargura, a guerra, a peste, a fome, o assassinato, a ingratidão e todo o gênero de sofrimentos a que o homem está sujeito.

Um dia, Júpiter, tendo de descer do Olympo com o fim de visitar a terra, como não queria abandonar a caixa à curiosidade dos outros deuses, chamou Pandora e disse-lhe assim:

— Toma esta caixa. Ela contém toda espécie de males criados pelas forças infernais: se a abrires, a humanidade sofrerá eternamente.

Por isso estou dando a caixa para ti. Confio que tu saberás guardá-la com muito cuidado, não só pelo respeito que deves às minhas ordens, como também pela piedade que te inspira a fraqueza humana.

Então Júpiter entregou a caixa à Pandora.

Durante muito tempo, Pandora guardou a caixa; mas, como ela era excessivamente curiosa, um dia resolveu abri-la.

Abriu-a.



Primeiro, escapou a guerra: logo os homens começaram a inventar os punhais envenenados, as armaduras, espadas, lanças, setas e toda a variedade de armas de defesa para, quando fosse a ocasião, marchar para o campo de batalha e escravizar os povos vencidos.

A peste abateu os soldados; as lágrimas umedeceram os olhos das mulheres; o falso amigo escondeu no peito o punhal assassino; o filho ridicularizou a velhice dos pais; e assim por diante os males foram saindo da caixa e espalhando-se pelo mundo, acordando os sentimentos maus nos corações e derramando por toda a parte a desolação e o luto.

Nessa hora, Pandora sentiu remorsos e fechou a caixa.

Todos os males, porém, já tinham saído. Porém, junto com todos os males, havia dentro da caixa um dom muito especial, um sentimento criado para confortar o coração dos homens: a esperança.

A esperança ficou no fundo da caixa, escondida. Quando chegasse a hora e ela fosse necessária, ela sairia para consolar as tristezas e animar o mundo.

Assim, por mais infelizes que os homens possam estar, sempre lhes resta a esperança, que promete uma felicidade futura, um descanso suave para as tristezas e um consolo para as aflições.

